



NUNO BATISTA



## “MATRIMÓNIO É SINAL DA UNI-TRINDADE DIVINA”

Na Festa da Família, em Óbidos, o Cardeal-Patriarca de Lisboa lembrou que os casais cristãos são “uma imagem lindíssima do que o próprio Deus é”. Edição deste ano teve 670 casais jubilares, de 143 paróquias. **pág.02**

Destaque

Conselho Pastoral Diocesano: “Polarização vai ser a JMJ” | **pág.05**

Mães de Padres falam sobre a vocação Sacerdotal | **pág.08**

Reforma do Direito Canónico para “favorecer a unidade da Igreja” | **pág.09**

### “Tem de ser uma verdadeira escuta e um diálogo contínuo”

Membro da Comissão Pontifícia para a Tutela dos Menores, o padre Hans Zollner considera que o trabalho da Igreja na resposta aos casos de abusos sexuais exige maior atenção às vítimas. “Enquanto não fizermos justiça às vítimas do passado, o nosso trabalho de prevenção não será totalmente credível”, referiu o religioso jesuíta, presidente do Centro para a Proteção de Menores, integrado no Instituto de Psicologia da Universidade Pontifícia Gregoriana, em declarações à Agência Ecclesia. “Este é uma chaga, que temos de assumir, como Igreja, também como sociedade. Estou convencido que deveria ser obrigatório para um bispo, um provincial religioso ou um padre ouvir as vítimas, refletir, rezar com elas. Tem de ser uma verdadeira escuta e um diálogo contínuo, que exige muito tempo, muita energia”, acrescentou o padre Zollner, que esteve em Portugal para um encontro de formação sobre proteção de menores, organizado pela Conferência Episcopal, que reuniu em Fátima, a 29 de maio, bispos e responsáveis das comissões diocesanas.

Entrevista

### “REVOLUCIONAR O PENSAMENTO ECONÓMICO”

Nos 30 anos da Economia de Comunhão, o presidente desta associação nascida no Movimento dos Focolares, José Maria Raposo, aponta a um “carisma de unidade” na economia. **pág.06**



Pe. Alexandre Palma  
4 Estações da fé

Pedro Vaz Patto  
Que “valores europeus”?

Opinião  
pág.04

P. Nuno Rosário Fernandes  
A periferia é cá dentro

Editorial  
pág.12

Festa da Família

## “A VIDA FAMILIAR É UMA ÓTIMA EXPERIÊNCIA DE DEUS”

O Cardeal-Patriarca de Lisboa considerou que os casais que vivem “como um só” são “uma imagem lindíssima do que o próprio Deus é”. A Festa da Família ficou marcada pelos 670 casais jubilares, de 143 paróquias da diocese, com D. Manuel Clemente a garantir, em Óbidos, que são “um sinal da Uni-Trindade divina”.

texto por Diogo Paiva Brandão; fotos cedidas pela Pastoral Familiar de Lisboa e por Nuno Batista



“Quando participamos na vida divina, e depois a repartimos com os outros, então sabemos o que Deus é. Meus caros casais: é nas famílias que isto começa. Porque exatamente como diz o mandamento bíblico ‘deixará o homem a casa dos seus pais, unir-se-á a sua mulher e serão os dois como um só’, é isto mesmo, serem como um só. Por isto mesmo, o casal é uma imagem lindíssima do que o próprio Deus é, como comunhão de vida e de amor, como partilha inteira daquilo que se é, e que se é com os outros, para os outros e nos outros. A vida da família é uma ótima experiência de Deus”, garantiu o Cardeal-Patriarca, na Missa de encerramento da Festa da Família. Na Igreja de São Pedro, em Óbidos, na tarde do passado Domingo, 30 de maio, D. Manuel Clemente sublinhou que “é exatamente quando se nasce numa família, concretamente numa família do sacramento do Matrimônio vivo”, e “essa vida se compartilha”, que se tem “uma experiência de Deus autêntica”. “Na vossa vida conjugal,

na vossa vida familiar, no dia-a-dia, a graça do sacramento do Matrimônio faz-vos sustentar em Cristo, na relação com Deus, na vivência do seu Espírito e na convivência com todos. Esta é a graça especialíssima do sacramento do Matrimônio. A família é, por excelência, o sinal da Uni-Trindade divina, como ela pode ser compartilhada na pluralidade da vida de uma família, unida num só amor. Isto não é apenas um ideal a atingir, mas uma realidade prática”, garantiu.

### Uni-Trindade divina

Nesta celebração transmitida em direto pelo YouTube e Facebook do Patriarcado e da Pastoral Familiar, o Cardeal-Patriarca não esqueceu os casais jubilares da diocese. “Aqueles casais que hoje são especialmente lembrados, e que comemoram datas marcantes do seu percurso matrimonial – 10 anos, 25 anos, 50 anos, 60 anos, por aí fora –, são a manifestação e a comprovação viva, eloquente, indelével, de que isto pode ser,

de que isto é, realmente, na graça do sacramento do Matrimônio, sinal da Uni-Trindade divina: vários como um só, um único Espírito, como acontece em Deus, como por Cristo acontece em nós, na vida das famílias e na própria vida da Igreja, como família de famílias. É isto mesmo que estamos a celebrar no dia da Santíssima Trindade”, apontou. Neste sentido, segundo D. Manuel Clemente, as famílias cristãs “são um sinal concreto de como, neste mundo, se pode viver como Deus: um, em vários”. “Num só espírito, no amor verdadeiro, numa vida compartilhada. É isto que o matrimônio cristão oferece ao mundo. Mostra que é possível, que não está ultrapassado. Porque a novidade é Cristo! A humanidade de Deus na nossa vida, a Uni-Trindade divina na família cristã. É isto que cada um de vós, que estais aqui, em Óbidos, e os que estais conosco através da transmissão, como Matrimônio cristão, como família cristã, oferece ao mundo. Oferecer isto, é oferecer tudo”, assegurou.

### Proximidade com as famílias

O casal diretor da Pastoral Familiar de Lisboa faz “um balanço muito positivo” da Festa da Família deste ano. “As paróquias aderiram muito bem à iniciativa e foi possível ter mais proximidade com as famílias no formato presencial. Os movimentos e outras realidades eclesiais também aderiram com entusiasmo ao desafio online, criando os eventos que foram transmitidos nas redes sociais durante a semana anterior à Festa da Família e que tiveram milhares de visualizações. As inscrições dos casais jubilares, para receberem o diploma com a bênção patriarcal, também correram muito bem: à medida que se vai espalhando, há cada vez mais famílias a quererem celebrar as suas bodas matrimoniais, dando assim um grande testemunho da importância do casamento e da família”, resume, ao Jornal VOZ DA VERDADE, Tiago Líbano Monteiro. A mulher, Regiani, lamenta apenas que “muitos casais jubilares” tenham sabido “tarde de mais”, ou até “nem chegaram a saber”, das inscrições. “Temos de melhorar para chegar a todos, para não deixar ninguém de fora. Talvez melhorando a comunicação, pedindo a todos que divulguem mais... fez-nos muita pena ver a tristeza de casais que ficaram de fora porque não sabiam desta iniciativa, mas fizemos um grande esforço para dar resposta a todos os pedidos que nos chegaram”, garante, ao Jornal VOZ DA VERDADE.

Neste ano de 2021, foram abençoados 670 casais jubilares (que fizeram 10, 25, 50, 60 ou mais anos de casados). Um número que inclui também 100 casais jubilares do ano passado, que não puderam receber a bênção devido ao cancelamento, em 2020, da Festa da Família, devido à pandemia. Os 670 casais jubilares representavam 143 paróquias do Patriarcado, ou seja, 50% das paróquias da diocese, quando em 2019 foram abrangidas “cerca de 35% das



O casal diretor da Pastoral Familiar de Lisboa, Regiani e Tiago Líbano Monteiro, faz “um balanço muito positivo” da Festa da Família, mas deseja “chegar a mais gente”



O Cardeal-Patriarca entregou a bênção matrimonial a diversos casais

## FESTA DA FAMÍLIA 2022 EM ÓBIDOS

A próxima edição da Festa da Família vai decorrer em Óbidos, no dia 15 de maio de 2022. “No encerramento da Festa da Família de 2019, em Lisboa, foi anunciado que a Festa da Família de 2020 seria em Óbidos. Essa Festa foi cancelada e esta de 2021 teve o formato presencial distribuído geograficamente pelas paróquias. O padre Ricardo Figueiredo, pároco de Óbidos, manteve a sua total disponibilidade, com o mesmo entusiasmo inicial, para acolher a Festa em 2022. Foi assim, com grande alegria, que anunciámos que a próxima Festa da Família será no dia 15 de maio de 2022, em Óbidos! Se Deus quiser, sem pandemia!”, deseja o casal diretor da Pastoral Familiar de Lisboa.

paróquias”. “São números muito animadores, mas que também mostram que, para o ano, podemos chegar a mais casais”, deseja Tiago.

Para Regiani, apesar de os números “serem importantes” para “dar uma visão estatística”, o que “interessa mesmo” é o que se passa “com cada casal, a história de cada família”. “Ajudei a colocar os diplomas nos envelopes para irem para o correio e gostei muito, porque fui rezando por cada casal, por cada família real que estava por trás daqueles papéis. Os números não valem nada se não chegarmos ao coração das pessoas”, garante esta mãe de sete filhos.

### Festa a crescer

A Festa da Família do Patriarcado de Lisboa teve início em Mafra (2014), a que se seguiram as edições no Mu-



Bombarral



Outeiro da Cabeça



Estoril



Nossa Senhora da Pena



Rio de Mouro



Vale de Chelas

cifal - Sintra (2015), Casa do Gaia-to em Santo Antão do Tojal (2016), Alcobaça (2017), Penafirme - Torres Vedras (2018) e parque da Quinta das Conchas, em Lisboa (2019). Em 2020, a Festa da Família foi cancelada, devido à pandemia, e este ano decorreu em modo paroquial e online. Após sete anos, o casal diretor da Pastoral Familiar diz acreditar que esta iniciativa tem ganho o seu espaço na pastoral diocesana, porque “a família é mais forte do que a pandemia”. “A Festa da Família é cada vez mais conhecida, e isso é muito bom. Talvez

o facto de a parte presencial ter sido, este ano, nas paróquias tenha levado alguns casais jubilares a inscreverem-se por ser a Festa na Missa da paróquia, e não longe de casa. Mas o dinamismo dos convites ao nível paroquial aumentou. Houve exemplos de párocos que se empenharam muito e conseguiram chegar a casais que estavam afastados da Igreja... foi claramente uma oportunidade de concretizar, mais um pouco, o nosso ‘Sonho missionário de chegar a todos’, como diz a Constituição Sinodal de Lisboa que estamos agora a avaliar”, conside-

ra Regiani. Para Tiago, este formato com dupla vertente “ajuda a crescer nos números, a chegar a mais gente”. “Temos de pensar como vamos fazer no próximo ano. O que é certo é que ainda há muito a fazer. Como vimos, metade das paróquias não tiveram nenhum casal jubilar inscrito. Claro que há paróquias muito desertificadas, onde provavelmente não se conseguirá encontrar casais jubilares, mas ainda há muito espaço para evoluirmos”, constata o casal responsável pela Pastoral Familiar no Patriarcado de Lisboa.

## A EDUCAÇÃO DOS FILHOS, EM VÍDEOS ONLINE

Na semana anterior à Festa da Família, entre 24 e 30 de maio, foram publicados cinco vídeos nas redes sociais (YouTube e Facebook). No próprio dia da festa, antes da Missa de encerramento, foi publicado um último vídeo, com testemunhos. “Pretendemos, com estes vídeos, terminar a reflexão sobre a educação dos filhos, tema que escolhemos para este ano pastoral”, refere Tiago Libano Monteiro. Esta iniciativa foi organizada em conjunto com os movimentos e outras realidades eclesiais, segundo refere Regiani. “O Papa Francisco anunciou o ano Família Amoris Laetitia, propondo às famílias a releitura da sua exortação apostólica. Juntando isto ao nosso tema, desafiamos os movimentos e outras realidades eclesiais a elaborar eventos online, ajudando-nos a refletir sobre o capítulo 7 da exortação. O resultado foi este conjunto de cinco vídeos, que ficou muito interessante pela sua profundidade, mas também pela riqueza da diversidade construída sobre o carisma de cada um. Vale a pena ver: continuam disponíveis no YouTube da Pastoral da Família e do Patriarcado de Lisboa”, salienta. Para o marido, Tiago, a “relação próxima” da Pastoral da Família com os movimentos ligados à família, presentes na diocese, “já vem de há vários anos e continua a ser uma prioridade” que é “muito acarinhada pelo nosso Patriarca”. “Estes movimentos – e outras realidades eclesiais, pois nem todos são movimentos – fazem um trabalho excepcional com as famílias e trazem a diversidade. É muito bonito, e mesmo importante, ver como esta diversidade alarga a abrangência sem diminuir a unidade, muito pelo contrário, porque todos nos levam a Cristo”, frisa.





Pe. Alexandre Palma

## 4 Estações da fé



Simplicidade, complexidade, perplexidade e harmonia. A síntese não é minha, mas do heterodoxo autor evangélico Brian McLaren. Procura-se assim descrever as grandes etapas do itinerário crente. O seu esforço não é sequer original. Não faltam, ao longo da história cristã, esforços em tudo semelhantes a este. Como um mapa que se desenha à medida que a viagem se cumpre, o crente experimenta a necessidade de ir registando os traços fundamentais desta sua grande viagem interior. Precisa de se dizer e, dizendo-se, de se conhecer. Mas a este exercício subjaz uma verdade que nunca poderá ser esquecida: a fé é uma viagem, não uma conquista. Por isso composta por estações distintas. Estas ou outras. Ditas assim ou de outro modo. Mas sempre uma viagem com as suas etapas. Tudo começa, na síntese de McLaren, pela simplicidade, primeira estação deste caminho. Neste período a fé está muito marcada pela adesão a figuras de autoridade, como os pais ou ministros eclesiais. É uma etapa determinada pela necessidade de clareza na mensagem e, portanto, de simplificação da proposta. Com frequência ela assenta numa interpreta-

ção dual da vida e dos desafios de quem crê. A nitidez da distinção entre bom e mau, certo e errado, nós e eles traz o conforto de um certo tipo de segurança e de certeza na fé.

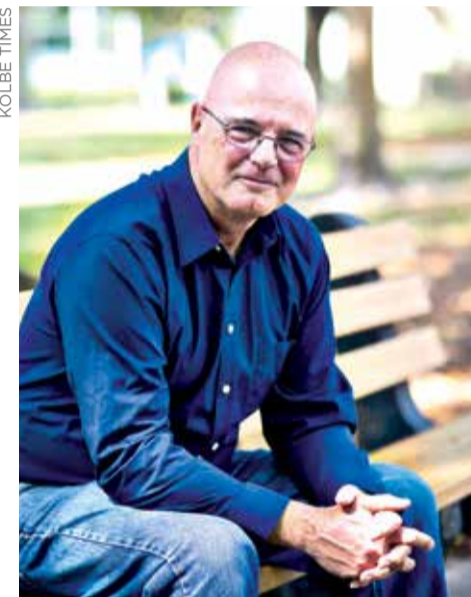
A dada altura, contudo, sobretudo quando a vida se nos complica, tornamo-nos mais sensíveis às nuances de acreditar e daquilo em que se acredita. Entra-se, então, numa nova estação, tomada pela consciência da complexidade da vida e da fé. Admite-se que aquilo que sabemos e cremos não resume, afinal, tudo quanto existe; que entre o bom e o mau, entre o certo e o errado, entre nós e eles haverá bem mais do que aquilo que até então se julgava possível. Passamos, em síntese, a ter de lidar não apenas com questões mais complexas, mas a reconhecer a complexidade das nossas próprias questões.

Também isto muda, quando se agudiza em nós a sensação de que não somos capazes de administrar toda a complexidade da vida e da vida vivida em Deus. Entramos, pois, numa nova estação, marcada pela perplexidade. A confiança juvenil, satisfeita consigo por ter ultrapassado a simplicidade da infância, encontra aqui o seu limite. Custa,

mas torna-se necessário deixar morrer a instrumentalização da fé como solução para todos os nossos problemas. Atravessa-se então uma fase marcada pelo questionamento da fé que se herdou e professa. Este questionamento, acompanhado por um possível afastamento da comunidade, pode com facilidade conduzir-nos a uma certa solidão. Não será por isso estranho que muitos interrompam aqui esta viagem, por terem perdido o sentido do seu sentido.

Torna-se muito importante ajudar a perceber que para além da perplexidade há ainda algo mais que a fé pode dar e ser. Para lá desta estação, encontrar-se-á uma fé pacificada com todo este itinerário, com as suas luzes e as suas sombras. Será isto o que o autor chama harmonia. Descomplexadamente, relativiza-se a necessidade de justificar a fé (desconfia-se inclusivamente da real fecundidade dessa apologética), mas relativizam-se também as dúvidas insuperáveis com que, legitimamente, o crente vai aprendendo a conviver. O medo da (perda de) certeza e da dúvida desaparecem. A compaixão para com o próximo e para consigo próprio tornam-se inclinações espontâneas do nosso ser. A fé torna-se mais orgânica, incorporada em nós e no nosso viver como tudo o mais que efectivamente somos. O problema destes esquemas está na pergun-

ta: Em que estação estou? Isso tende a fechar um esquema que se quer aberto, a bloquear uma análise que se quer dinâmica. Com grande probabilidade vamos experimentando um pouco de todas estas estações em todas as etapas do nosso itinerário. Não se trata, portanto, de saber em que estação estou. Trata-se sim de saber: Qual é dominante agora? Qual descreve melhor o presente do que sou e vivo? Mas mesmo essa não será a pergunta que realmente importa levantar. Decisiva mesmo é apenas esta pergunta: Quero seguir para diante?



KOLBE TIMES

Pedro Vaz Patto

## Que “valores europeus”?



Vai ser discutido em junho no Parlamento Europeu um projeto de resolução sobre “saúde sexual e reprodutiva” que declara o acesso ao aborto a pedido como direito humano e a sua negação como violência contra a mulher, considerando ainda a objeção de consciência nesse âmbito como contrária ao direito de acesso aos serviços de saúde.

O projeto tem como alvo principal os Estados membros da União Europeia onde o aborto é ilegal em quaisquer situações (Malta), ou é fortemente restringido (Polónia). O Presidente da República de Malta, o médico George Vella, do Partido Trabalhista, afirmou recentemente, referindo-se a um eventual projeto de legalização do aborto (foi apresentado um no Parlamento, mas com poucas hipóteses de ser aprovado), que preferia demitir-se a assinar uma lei «que autoriza a matar». Na Polónia, um acórdão do Tribunal Constitucional declarou inconstitucional a legalização do aborto eugénico (ou seja, com fundamento em malformação ou deficiência do feto), decisão muito contestada em manifestação de rua (mas que surgiu em resposta a uma petição de iniciativa popular que recolheu mais assinaturas do que

o elevado número de pessoas presentes nessas manifestações de rua). Com essa deliberação, a maior parte dos abortos até então legalmente praticados na Polónia deixarão de o ser. Este facto foi condenado numa resolução do Parlamento Europeu votada por larga maioria.

Uma resolução do Parlamento Europeu como a que vai ser agora discutida não tem força juridicamente vinculativa, mas tem relevo político, abrindo caminho para possíveis alterações legislativas no sentido da legalização do aborto nos Estados membros, ou travando iniciativas em sentido contrário.

De qualquer modo, e como foi já salientado a propósito da referida resolução que condenou a ilegalização do aborto eugénico na Polónia, a questão da legalização do aborto extravasa do âmbito das atribuições da União Europeia. É matéria que cabe aos Estados membros (como, além do mais, foi reafirmado no Tratado de adesão de Malta).

Por outro lado, o direito internacional não reconhece um direito ao aborto. Nas Conferências de Pequim (de 1994) e do Cairo (2014), também graças à intervenção da delegação da Santa Sé, foi rejeitada a inclusão

do aborto entre os serviços de “saúde sexual e reprodutiva”. Nem o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, nem o Tribunal de Justiça da União Europeia alguma vez afirmaram esse pretensão direito ao aborto.

Quanto à objeção de consciência, corolário da liberdade de consciência como direito fundamental, ela tem apoio na Convenção Europeia dos Direitos Humanos e na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia. Uma resolução da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa (Resolução 1928, de 24 de abril de 2013) afirmou com clareza a importância do direito à objeção de consciência. Mas, mais do que estas objeções jurídicas, importa salientar o alcance nefasto que pode ter a aprovação de uma resolução que declara um pretensão direito ao aborto como direito humano, a par de outros que se definem ha-

bitualmente como integrando os chamados “valores europeus”. O efeito que pode ter essa aprovação será o de contribuir para afastar muitos cidadãos de um projeto de unidade europeia que identificam com valores ligados às raízes cristãs da cultura europeia. Se, afinal, entre os pretensos “valores europeus” se inclui a legalização de um atentado ao primeiro dos direitos (o direito à vida), um atentado que atinge os mais vulneráveis dos seres humanos, é de esperar que muitos europeus deixem de se identificar com esses pretensos valores e, reflexamente, com o projeto de unidade europeia. Há que pensar nisso precisamente numa altura em que, com o lançamento da Convenção sobre o Futuro da Europa, se pretende aproximar os cidadãos europeus do projeto de unidade europeia, do qual muitos estão cada vez mais afastados.





**50 anos da dedicação da Igreja do Sagrado Coração de Jesus**  
Encerramento das comemorações dos 50 anos da dedicação da nova Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, tem lugar dia 11 de junho, sexta-feira, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, com a Eucaristia presidida pelo Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente, às 18h30

Conselho Pastoral Diocesano

## Cardeal-Patriarca projeta anos pastorais “polarizados” pela JMJ Lisboa 2023

“Vão-se seguir dois anos inteiramente polarizados por essa realidade gigantesca que se está a aproximar a passos largos – e é já depois de amanhã –, que se chama Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023. Nunca tivemos nada assim em Portugal, nem na Igreja, nem na sociedade”, anunciou o Cardeal-Patriarca de Lisboa, no Conselho Pastoral Diocesano.



No auditório da Igreja de Cristo-Rei, na Portela, no passado dia 29 de maio, D. Manuel Clemente apontou a JMJ Lisboa 2023, que será uma “Jornada pós-pandemia”, como uma “boa explosão de alegria e energia para reconstruir a sociedade”. “Nos próximos dois anos, em termos de polarização diocesana, manhã, tarde e noite, de janeiro a dezembro: Jornada Mundial da Juventude. O resto, vai-se realizar, com certeza (...), mas a polarização vai ser a Jornada Mundial da Juventude”, reforçou. Neste encontro esteve também presente o secretário executivo da JMJ Lisboa 2023, Duarte Ricciardi, que deu a conhecer aos conselheiros o trabalho que está a ser realizado pelo Comité Organizador Local e apelou à mobilização de todos. No início do encontro, numa referência às atividades previstas para o ano pastoral que agora termina, o Cardeal-Patriar-

ca de Lisboa assegurou que “tudo o que estava preparado, fez-se”, e congratulou-se pelas 1600 respostas ao inquérito de avaliação do Sínodo Diocesano 2016. “É uma agradável surpresa”, afirmou. A partir das reflexões feitas pelos grupos, entre os que estavam presentes fisicamente e também online, foram deixados apelos à “maior integração dos jovens nas estruturas das paróquias”, à “criação de espaços físicos e momentos de partilha e oração para os jovens” e a começar a “pensar, desde já, como será o pós-Jornada”. Ficou também o desejo de que a JMJ Lisboa 2023 “sirva para criar uma nova geração de jovens”. Alguns grupos de reflexão também constataram a grande adesão dos jovens nas ações de solidariedade que se desenvolveram em resposta à pandemia e, por isso, foi também desejado que essas experiências se mantenham para o futuro, assegurando

a continuidade de “um espírito de serviço e missionário”. A concluir, o Cardeal-Patriarca refletiu sobre quatro palavras que apontam à realidade pastoral da diocese durante os próximos dois anos. Em primeiro lugar, a palavra “convite”. “É fundamental renovar, em relação aos jovens, aquele convite que foi como tudo isto começou, há mais de 2 mil anos: ‘vinde e vede’. Este convite é a base de toda a vida cristã e, muito em especial, para os jovens”, apontou. Depois, a partir da palavra “inserção”, D. Manuel Clemente referiu que “os sacramentos não são ‘coisas’ que se recebem, mas são realidades que recebemos para que, através de nós, aconteçam no mundo”. “O mais importante não é tanto ir à Missa, mas ser a Missa”, apelou. De seguida, a partir da palavra “espaço”, o Cardeal-Patriarca, apelou à criação de espaços – não só físicos –, mas também

“de encontro, onde os jovens estejam, se sintam bem e onde sejam protagonistas”. Por último, através da palavra “rejuvenescimento”, D. Manuel Clemente assegurou que “este caminho, até à JMJ Lisboa 2023, já é e irá ser, cada vez mais, uma ocasião para o rejuvenescimento eclesial, mas também social”.



PADRE RICARDO CORREIA

### Novo livro ‘Ide a José’ foi apresentado em Roma

Sete sacerdotes portugueses residentes no Pontifício Colégio Português, em Roma, apresentaram, na Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, a recente obra literária de conjunto intitulada ‘Ide a José. O mistério de São José na vida da Igreja’, editado pela Paulus Editora, sob coordenação do padre David Palatino. “A obra pretende repensar a fundo a figura de S. José em várias dimensões, numa obra que se tornou num ‘pequeno tratado de josefologia’. Da área bíblica à teologia dogmática, da história à piedade popular, da liturgia à arte e música, pretende-se assim recuperar a importância da figura de S. José, o pai adotivo de Jesus, para a vida cristã”, salienta um comunicado.



### Carta aos sacerdotes Cardeal-Patriarca convida para momento de oração

O Cardeal-Patriarca de Lisboa convidou os sacerdotes para um momento de oração e reflexão, via Zoom, por ocasião do dia de oração pela santificação dos sacerdotes, na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus. Numa carta enviada, no dia 1 de junho, aos sacerdotes, D. Manuel Clemente propõe que, na manhã do próximo dia 11 de junho, após a oração da Hora Intermédia e de uma meditação feita pelo padre Alexandre Palma, “onde cada um estiver, faça um tempo de oração pessoal, se possível na igreja e junto do Santíssimo Sacramento”. “Somos fruto da sua compaixão e da oração da Igreja. Recordá-lo é muito oportuno e salutar”, salientou o Cardeal-Patriarca.

### Missão Betânia IV em agosto Jovens convidados para férias missionárias

Uma experiência de serviço, convívio e oração no Seminário dos Olivais. É esta a proposta da 4ª edição da Missão Betânia, que vai ter lugar de 21 a 28 de agosto.



Destinada a jovens entre os 16 e os 25 anos, esta missão é também uma oportunidade para ficar a conhecer o seminário maior da diocese e estreitar a amizade com Jesus. “Queremos que esta missão seja para ti uma experiência de intimidade com Jesus. Propomos-te um tempo forte para rezares em Igreja e com a Igreja, para partilhares



as tuas experiências e serves a Cristo pelo trabalho. Procuraremos fazer desta semana um tempo em que possas descobrir, pelo serviço, a amizade com Jesus. Marcada por vários ritmos, esta semana será especialmente de trabalho no Seminário: limparemos salas, arrumaremos espaços, faremos um pouco de tudo! Sempre conscientes de que o Seminário é uma casa de todos os diocesanos”, refere um comunicado. A edição deste ano da Missão Betânia ([www.facebook.com/missaobetaniaolivais](http://www.facebook.com/missaobetaniaolivais)) tem 30 vagas disponíveis e acontece “em sintonia com as indicações dadas pelo Patriarcado de Lisboa”, devido à pandemia, podendo “ser cancelada, se houver algum motivo de força maior”. Inscrições: <http://bit.ly/missaobetaniaiv>

José Maria Raposo, presidente da Associação por uma Economia de Comunhão

## UM “CARISMA DE UNIDADE” NA ECONOMIA

A Economia de Comunhão – uma proposta lançada, há 30 anos, pela fundadora do Movimento dos Focolares, Chiara Lubich – “pode ser uma resposta” à atual crise. Em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, o presidente da Associação por uma Economia de Comunhão em Portugal refere que esta proposta desafia as empresas a utilizarem parte dos lucros no combate à pobreza, sobretudo em projetos de desenvolvimento. “Sabemos que um dos fatores importantes para tirar as pessoas da pobreza é através da formação, educação”, assegura José Maria Raposo.

entrevista por Filipe Teixeira; fotos por Movimento Focolares



### Como apresenta a Economia de Comunhão?

A Economia de Comunhão nasce no âmbito do Movimento dos Focolares, através da sua fundadora, Chiara Lubich, que, ao visitar, em 1991, São Paulo, no Brasil, vê os arranha-céus rodeados por favelas. Como tinha vários encontros com os membros do movimento, encontrou-se com os empresários e lançou-lhes um desafio, dizendo-lhes: “Há tanta pobreza e vocês são aqueles que criam riqueza, ponham os vossos bens à disposição destes pobres. Se houver essa comunhão de bens, então, conseguiremos resolver o problema da pobreza”. Este desafio teve um grande acolhimento, não só no Brasil – onde foi lançado –, mas depois, em todas as nações onde

o movimento está. Houve uma adesão, de coração, de muitos empresários que se predisuseram. Esta matriz é fundamental para a Economia de Comunhão. Já por altura do nascimento do movimento, em 1943, em Trento, as primeiras companheiras de Chiara, e ela própria, juntavam à mesa os pobres e punham-lhes a melhor mesa possível. Portanto, a preocupação com os pobres vem da génese do carisma do movimento.

### Como é que esta Economia de Comunhão acontece, na prática?

Olhando para este aniversário dos 30 anos da Economia de Comunhão (ver caixa), fica-me muito claro que aquilo que nós estávamos ali a viver era um apontar para os desenvolvimentos próxi-

mos. Eu via ali, efetivamente, com expressão na economia, um carisma de unidade, com estas características de revolucionar o pensamento económico, pondo as empresas com a finalidade de ter lucro e distribuí-lo pelos acionistas e sócios, mas também com uma função social, que é de apoio aos pobres. Como isso se faz? Cada empresa é livre de o fazer e pode fazê-lo de várias maneiras. Depois, consoante os diferentes continentes e realidades, que variam de país para país, e de região para região, a abordagem à pobreza varia também. Mas a intenção de Chiara foi que uma parte dos lucros fosse utilizada para várias finalidades, entre as quais a assistência à pobreza, mas também a projetos de desenvolvimento e formação, que pudessem dar dignidade às pessoas. E sabe-

mos que um dos fatores importantes para tirar as pessoas da pobreza é através da formação, educação.

Neste processo, há uma coordenação geral, em Itália, que recebe parte destes lucros e os canaliza para projetos de desenvolvimento e onde há maior necessidade. Há uma Organização Não Governamental (ONG), a AMU – Ações para um Mundo Unido –, que cria projetos de desenvolvimento e, portanto, parte destes donativos, destas partilhas, desta comunhão, é feita através de projetos desta ONG. É claro que isso não tira o papel local. Os empresários sentem que a melhor maneira de tirar as pessoas da pobreza é dando-lhes trabalho, dentro dos condicionalismos que existem.

### Qual a ligação entre a Economia de Comunhão e a Economia de Francisco?

Eu diria que tem tudo a ver. A Economia de Comunhão nasce também da coparticipação de outros organismos e também se identifica com os objetivos que o Papa colocou e que também têm a ver com a pobreza e com a preocupação por uma economia que não crie descartes, que não mate. Sempre estivemos presentes no apoio à intenção do Papa, que tem os mesmos fins.

### Sobre os números, é possível saber quantas empresas estão implicadas neste projeto?

Em 2017, tivemos uma audiência com o Papa Francisco que abordou esse tema do número. Nessa audiência, disse-nos que éramos poucos, mas que, na verdade, são os poucos que, às vezes, fazem com que as ideias se difundam. As mudanças de ordem espiritual não estão ligadas a grandes números. O Papa disse-nos que devíamos ser como o sal, o fermento, mantendo o princípio ativo.

Em termos internacionais, o número de empresas ligadas à Economia de Comunhão são mais de mil. A nível nacional,



José Maria Raposo (à esquerda), atual presidente da Associação por uma Economia de Comunhão, com o anterior presidente, Mário Massa



Centro Mariápolis, em Abrigada - Alenquer



Uma das sessões realizadas no âmbito do polo empresarial, em Abrigada, Alenquer

temos o 'núcleo duro', composto por meia dúzia, e existem algumas empresas que simpatizam com a ideia e que colaboram connosco em algumas situações. No Centro Nacional do Movimento, no Centro Mariápolis, em Abrigada - Alenquer, fizemos um pólo empresarial que foi construído com o apoio de algumas empresas. Porque quando sentem seriedade nos projetos, que pretendem chegar aos necessitados, as pessoas são generosas.

#### **Como tem sido a adesão das empresas a esta proposta? De onde surge a iniciativa?**

Ao longo destes anos, a minha experiência tem sido esta: ao ouvirem falar da Economia de Comunhão, muitas entidades pedem-nos para fazermos uma apresentação do que é este projeto porque desperta muito interesse e também muitas dúvidas sobre como uma empresa pode viver com as características que nós propomos. Têm havido muitas iniciativas de fora, através de entidades, associações, que nos solicitam para fazermos apresentação e discutirmos. Também nós propomos fazer algumas, tal como aconteceu neste dia 29 de maio, mas têm sido mais pontuais.

**Esta proposta pode continuar a ser uma resposta eficaz, mesmo para a crise económica e social que enfren-**

#### **tamos? Estando o lucro cada vez mais comprometido, a adesão a esta iniciativa não poderá ser dificultada?**

Está a tocar num ponto importante. As crises, de facto, fazem com que haja empresas que não consigam sobreviver. A Economia de Comunhão também traz uma característica que é a comunhão entre empresas. Aqui, em Portugal, temos exemplos de apoio a outras empresas que necessitavam de financiamento e de suporte de empréstimos bancários, comprometendo-se com o aval. Eu acho que a Economia de Comunhão pode ser uma resposta porque, efetivamente, promove a comunhão. Não é só a comunhão dos bens para os mais necessitados, mas é também uma comunhão entre as várias empresas. Diria que é a vida de comunhão que se expressa em vários níveis, quer o pessoal, quer o empresarial, dentro e fora delas. O que quero dizer com isto é que não faria muito sentido que as empresas fizessem uma comunhão de bens para fora, se elas próprias não refletissem, dentro delas, esta característica. Se todas as empresas fizessem isso, não tenho dúvidas de que resolveríamos muitos problemas.

#### **SAIBA MAIS EM:**

[www.edc-online.org](http://www.edc-online.org)  
[www.facebook.com/edc.portugal](https://www.facebook.com/edc.portugal)

## **O DESAFIO PASSA PELO "TRABALHO EM REDE"**

Para assinalar os 30 anos da Economia de Comunhão, o Movimento dos Focolares organizou, na tarde de sábado, 29 de maio, uma iniciativa online que, primeiramente, a partir de Loppiano, Itália, apresentou alguns testemunhos e intervenções que desafiaram a projetar a iniciativa para o futuro. De seguida, a partir de Abrigada, em Alenquer, a iniciativa reuniu alguns convidados para uma mesa redonda, onde foi deixado o apelo para um "trabalho em rede", segundo explicou o presidente da Associação por uma Economia de Comunhão, José Maria Raposo.

### **No encontro que assinalou os 30 anos da Economia de Comunhão, quais foram os principais desafios deixados?**

Em termos internacionais, e falando de 'coração quente', foi muito interessante ouvir o professor Stefano Zamagni [professor de Economia e presidente da Pontifícia Academia das Ciências Sociais] que tocou num ponto que sabemos necessitar desenvolver. Quando o projeto foi criado, Chiara disse logo: 'Atenção, porque nós temos que dar dignidade à Economia de Comunhão estudando a economia, desenvolvendo teoria económica'. O professor Zamagni veio reforçar isto, dizendo que é necessário dar suporte económico a esta ideia que já tem 30 anos, que se foi desenvolvendo, adaptando-se em cada país e de acordo com a evolução histórica do mundo.

O outro desafio tem a ver com os jovens. Dois dias depois de Chiara se encontrar com os empresários, há 30 anos, no Brasil, encontrou-se com os jovens e, de certa maneira, passou-lhes a 'bandeira' da Economia de Comunhão, dizendo-lhes que eles eram agentes de difusão e que podiam fazer esse percurso ao tornarem-se adultos. De facto, têm existido várias iniciativas, no sentido de trazer os jovens para a Economia de Comunhão. Aliás, a Economia de Francisco tem tido uma grande expansão e grande acolhimento por parte dos jovens.

### **A partir do painel da tarde, que decorreu em Portugal, que pistas foram deixadas?**

Saliento o reconhecimento que foi feito à Economia de Comunhão, o que me deixou bastante sensibilizado. Houve o desafio deixado pela coordenadora da Economia de Francisco, Rita Sacramento Monteiro, ao propor ser feito um trabalho em rede. Esse é um desafio importante! E nós, enquanto Movimento dos Focolares, somos um movimento de unidade, nascemos para um mundo unido e temos, no nosso ADN, como carisma, construir pontes com todos. Este desafio colhe-nos e diz-nos muito. É um caminho que será crítico se quisermos uma economia diferente e que vá ao encontro daquilo que são os objetivos do Papa.



Mesa redonda sobre os 30 anos da Economia de Comunhão, que decorreu no dia 29 de maio, em Abrigada, Alenquer



Mães de Padres falam sobre a vocação Sacerdotal

## Olhar de mãe

Acabado o mês de Maio, mês de Maria, e ao recordar que Nossa Senhora é exemplo de Mãe para todas as mães, perguntámos a algumas mães de Padres sobre a vocação Sacerdotal no olhar de mãe. Fica um enorme obrigado a todas as mães de Padres; Seminaristas e de todas as vocações consagradas por serem "boa terra" para a semente crescer e dar frutos.



### 1 - Como é para uma mãe, ter um filho Padre?

**R:** Ter um filho padre é uma graça imensa! É sentir que está sempre presente, sem estar fisicamente. E agradecer a Deus por tudo o que este filho tem trazido de bom para a família. Mas acima de tudo é um "orgulho" saber que serve a Deus e a Igreja. (Carmo, mãe do Pe. Thomaz)

**R:** Ter um filho Padre é uma bênção e uma grande alegria. Sinto-me uma eleita por me ter sido dado esse privilégio. E de alguma forma mais perto, mais "íntima" de Deus. (Maria José, mãe do Pe. Duarte)

**R:** Deus "Visitou-nos"! (Alexandra, mãe do Pe. Bernardo)

**R:** Difícil de explicar! É uma grande mistura de sentimentos, de uma grande alegria, de muita gratidão e às vezes, ainda hoje de alguma incredulidade (Pilar, mãe do Pe. Duarte)

**R:** É uma grande alegria. (Teresa, mãe do Pe. Duarte)

**R:** É uma honra que me traz silêncio interior e me torna mais contemplativa.

É um "lugar" onde só Deus me poderia colocar. (Rita, mãe do Pe. Miguel)

**R:** Ter um filho seminarista é bom: saber que um filho por a hipótese de dizer sim a um chamamento radical põe em perspectiva o que seja ser mãe é o que seja ser filha de Deus.... (Isabel, mãe do Seminarista João)

### 2 - O que fez (conscientemente) para que despertasse a vocação do seu filho?

**R:** Vimos de famílias católicas, e sempre tentei passar os ensinamentos aos meus filhos, o facto de sermos filhos queridos de Deus. Concretamente nenhum me pediu "esclarecimentos". Foi um chamamento de Deus, uma correspondência pessoal. (Carmo)

**R:** Conscientemente, nada. E através do meu exemplo se calhar também pouco. Não tenho mérito nenhum. (Maria José)

**R:** Prática cristã sem imposição. (Alexandra)

**R:** Talvez ter posto sempre esse caminho como uma escolha possível, com muita naturalidade. (Pilar)

**R:** Não fizemos nada especial, apenas aproveitámos todas as oportunidades para fazer crescer a sua Fé e sobretudo rezamos sempre muito por eles. (Teresa)

**R:** Nada. (Rita)

**R:** Nada... tentei como com todos os filhos educar uma pessoa realista e desejosa de vida... (Isabel)

### 3 - Como reagiu quando soube a notícia?

**R:** À primeira notícia, não reagi bem! A pouco e pouco fui percebendo, e também o vi muito feliz. Não tive mais dúvidas. (Carmo)

**R:** Comecei a chorar. Fui apanhada desprevenida porque já tinha falado com o meu filho sobre se ele encarava essa possibilidade e ele na altura disse-me que não. Acho que me senti um bocadinho posta de lado. Coincidiu com a saída do meu filho mais velho para um ano de Erasmus em Itália. (Maria José)

**R:** A notícia bate à porta devagar e suavemente, há alegria e receio! (Alexandra)

**R:** Foi como se já soubesse, embora de facto ainda não soubesse. (Pilar)

**R:** Quando vimos que são felizes e amigos de Deus, está tudo bem e ficamos contentes! (Teresa)

**R:** Procurei estar muito atenta e zelar pela serenidade do meu filho, enquanto ele ia contando às pessoas. Houve comentários muito estúpidos. (Rita)

**R:** Com uma mistura de sentimentos de alegria e resistência, embora com a certeza de que é uma possibilidade boa... (Isabel)

### 4 - Que partilha de experiência construtiva poderia dar a mães que possam vir a ter um filho Padre?

**R:** A todas as mães que tenham filhos que pensem ser padres, dou-lhes os parabéns, pois as vocações não caem do céu! Estes nossos filhos acompanham-nos muito, pela sua oração, pela sua presença. (Carmo)

**R:** Acho que é uma sorte e fonte de grande alegria. É a escolha de uma vida difícil e muito exigente: estão permanentemente de serviço e têm uma grande responsabilidade. Mas vejo-o todos os dias animado e feliz. (Maria José)

**R:** Ver no caminho que Deus escolheu um

privilégio para si e para a família, Deus quer o melhor para nós! (Alexandra)

**R:** No início foi muito importante para mim perceber e sentir, que ele, uma vez tomada a decisão e iniciada a formação no seminário, estava cada vez mais feliz e se ia confirmando a escolha. (Pilar)

**R:** É importante rezar por eles e cuidar da nossa própria conversão. (Rita)

**R:** A vocação dos nossos filhos não nos pertence... quanto mais abdicamos de a controlar mais felizes eles e nós somos... (Isabel)

### 5 - Quais as alegrias e quais as tristezas?

**R:** Alegrias tenho imensas! Saber que temos um "intercessor" que cuida de nós, não há melhor. É mesmo fantástico! Tristezas, acho que não tenho. (Carmo)

**R:** As alegrias são muitas. Foi uma ajuda preciosa quando o meu filho mais velho morreu. Com a sua fé inabalável ensinou-me a confiar sempre em Deus não desistindo nos momentos mais duros. Mas é necessário aprender que os Padres têm causas e coisas mais importantes do que estar fisicamente em família. A única "tristeza" que tenho é que não vou ter netos, há uma maior sensação de finitude. Mas tenho muitos netos emprestados! (Maria José)

**R:** Alegria de ver o Espírito Santo a actuar num filho! Tristeza de saber que o caminho de entrega é duro e muitas vezes solitário, mas a alegria vence a tristeza! (Alexandra)

**R:** Acho que a maior alegria é mesmo vê-lo realizado e feliz no cuidado das pessoas que lhe estão entregues! Tenho um bocadinho saudades, mas principalmente custa-me a distância. (Pilar)

**R:** As alegrias acho que são as mesmas de todas as mães: perceber que ele se realiza no que faz e se sente seguro do caminho que lhe calhou. Também é muito bom ver que as pessoas gostam dele. Tristezas não tenho tido, graças a Deus. (Rita)

**R:** para já só alegrias, as tristezas são só as saudades, mas essas são também sinal de que os filhos estão a viver a sua vida, o que é bom... (Isabel)



Emilia, mãe do Papa São João Paulo II





com **Aura Miguel**  
Jornalista da Rádio Renascença,  
à conversa com Diogo Paiva Brandão

# Roma /09

## “Continuemos a pedir ao Senhor que proteja o mundo inteiro da pandemia”

O Papa Francisco reviu a legislação que pune os abusos. Na semana em que rezou o terço nos jardins do Vaticano, o Papa revelou que vai reunir-se com líderes cristãos do Líbano para construir a paz, lembrou que “Deus, sendo um e único, não é solidão, mas comunhão”, e nomeou um arcebispo inglês para suceder ao cardeal Sarah.



**1.** O Vaticano publicou, no dia 1 de junho, a reforma do livro VI do Código de Direito Canónico (CDC) sobre sanções penais na Igreja. A revisão do texto pretende “favorecer a unidade da Igreja na aplicação das penas, especialmente no que se refere aos crimes que causam maiores danos e escândalos na comunidade”. A publicação destas alterações vem acompanhada da constituição apostólica ‘Pascite Gregem Dei’, onde o Papa reconhece que “muitos foram os danos causados no passado pela falta de compreensão da relação íntima que existe na Igreja entre o exercício da caridade e o cumprimento da disciplina sancionatória”. Francisco declara que, nestas matérias, não bastam exortações nem sugestões e, muito menos, “contemporizações que tornam mais difícil a correção e, em muitos casos, agravam o escândalo e a confusão entre os fiéis”.

Estas alterações pretendem, pois, reforçar a aplicação das penas por parte dos Pastores e Superiores eclesiásticos. “A negligência do Pastor no uso do sistema penal mostra que ele não está a cumprir a sua função correta e fielmente”, escreve o Papa. Por isso, esta reforma obriga os Pastores a recorrer ao sistema penal “sempre que necessário, tendo em conta os três fins que o tornam necessário na sociedade eclesial, isto é, o restabelecimento das demandas de justiça, a emenda do réu e a reparação dos escândalos”, lê-se.

O Papa explica que, “a fim de favorecer a unidade da Igreja na aplicação das penas, especialmente no que se refere aos crimes que causam maiores danos e escândalos na comunidade, também se se-

guiu o critério ‘servatis de iure servandis’ para reduzir os casos em que a aplicação de sanções fica ao critério da autoridade”.

**2.** O Papa Francisco encerrou, na tarde de 31 de maio, a ‘Maratona do Rosário pelo fim da pandemia’, presidindo à oração do terço, nos jardins do Vaticano. “São tantos os nós que se apertam em torno às nossas vidas e restringem nossas atividades. São nós de egoísmo e de indiferença, nós económicos e sociais, nós de violência e de guerra”, disse o Papa, diante da Imagem. Rodeado de crianças e adolescentes de paróquias italianas, Francisco meditou sentado numa cadeira, de frente para o quadro que veio expressamente da Alemanha e reproduz fielmente a obra original de ‘Maria desatadora dos nós’, pintada pelo artista alemão Johann Schmidtner, no ano de 1700. O quadro original, com 1,1 m de largura por 1,82 m de altura, encontra-se na capela de St. Peter am Perlach, na cidade alemã de Augsburg. No final do terço e ladainha em honra da Virgem, o Papa colocou uma pequena coroa na tela do quadro, sobre a cabeça de Nossa Senhora desatadora dos nós, e permaneceu alguns minutos em oração silenciosa.

A encerrar a celebração, Francisco agradeceu aos que se associaram, um pouco por todo o mundo, a esta ‘Maratona de oração’ e concluiu: “Continuemos a pedir ao Senhor que proteja o mundo inteiro da pandemia e que a todos, sem exclusão de nenhum tipo, rapidamente seja dada a possibilidade de se proteger através da vacina”.

**3.** “No próximo dia 1 de julho, vou encontrar-me, no Vaticano, com os principais responsáveis das comunidades cristãs

presentes no Líbano, para uma jornada de reflexão sobre a preocupante situação do país e para rezarmos juntos pelo dom da paz e da estabilidade”, anunciou o Papa, no passado Domingo, 30 de maio. No final do Angelus, Francisco disse confiar “estas intenções à intercessão da Mãe de Deus, tão venerada no santuário de Harissa”. “A partir deste momento, peço-vos para acompanharem a preparação deste evento com a oração solidária, invocando, para aquele amado país, um futuro mais sereno”, pediu.

O Papa tem mantido sucessivos contactos com as autoridades políticas e com os responsáveis cristãos daquele país do Médio Oriente com forte identidade cristã. Por diversas vezes, Francisco manifestou o desejo de visitar o Líbano, desde que haja condições de estabilidade na “terra dos cedros”, mas a complexa situação política terá motivado este encontro no Vaticano. Até agora, três Papas já visitaram o Líbano: Paulo VI (1964), João Paulo II (1997) e Bento XVI (2012).

**4.** O Papa Francisco assinalou, no Vaticano, a Solenidade da Santíssima Trindade, sublinhando a centralidade do “mistério de um único Deus” em três Pessoas, Pai e Filho e Espírito Santo. “Na medida em que é amor, Deus, sendo um e único, não é solidão, mas comunhão. Entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O amor é essencialmente um dom de si mesmo, e na sua realidade original e infinita é o Pai que se dá gerando o Filho, que por sua vez se doa ao Pai e o seu amor mútuo é o Espírito Santo, o vínculo de sua unidade”, referiu, antes da oração do Angelus, perante centenas de peregrinos na Praça de São Pe-

dro. “A festa de hoje faz-nos contemplar este maravilhoso mistério de amor e luz de onde vimos e para o qual se orienta o nosso caminho terrestre”, explicou o Papa, a partir da janela do apartamento pontifício. “Hoje paramos para celebrar este mistério, pois as Pessoas não são adjetivação de Deus, não. São Pessoas reais, diversas, diferentes. Não é fácil entender, mas é possível viver este mistério”, acrescentou. Francisco afirmou ainda que este mistério da Trindade foi revelado pelo próprio Jesus. “Ele fez-nos conhecer o rosto de Deus como um Pai misericordioso; apresentou-se, verdadeiro homem, como Filho de Deus e Verbo do Pai salvador, que dá a sua vida por nós; ele falou do Espírito Santo que procede do Pai e do Filho, o Espírito da Verdade, o Paráclito, isto é, Consolador e Advogado”, indicou.

Após a oração, o Papa aplaudiu o testemunho de coragem e fé de três enfermeiras da Cruz Vermelha espanhola, beatificadas na véspera, na cidade de Astorga. Pilar, Olga e Otávia foram mortas por ódio à fé, enquanto tratavam dos feridos, em 1936 durante a guerra civil.

**5.** O Papa Francisco nomeou o arcebispo inglês Arthur Roche para suceder ao cardeal Robert Sarah à frente da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos. D. Roche, que era bispo de Leeds antes de ser chamado para o Vaticano, já trabalhava como número dois do cardeal Sarah naquela congregação e tem larga experiência de colaboração com o Papa. A relação de Francisco com o arcebispo, que é visto como mais moderado que Sarah, era boa, segundo a imprensa católica inglesa.

África: a Igreja na linha da frente no apoio às vítimas do terrorismo

## Porto de abrigo

Primeiro, foi no norte da Nigéria, em 2009. Depois, aos poucos, os terroristas do Boko Haram foram galgando quilómetros, ultrapassando fronteiras, deixando em todo o lado marcas de violência e de morte. O Pe. Ngalandja vive em Kousseri, nos Camarões. Ajudar as vítimas do Boko Haram é uma das suas tarefas. Talvez seja, neste momento, mesmo a sua missão principal...



A fronteira entre a Nigéria e os Camarões é imensa. Tem 1690 km. Como praticamente todas as fronteiras em África, são linhas quase invisíveis para as pessoas que as cruzam no terreno. Para os terroristas, então, não existem de todo. Os ataques do Boko Haram, um grupo jihadista que sonha criar um 'califado' em África, começaram na Nigéria em 2009. Nos últimos anos, já deixaram marcas em vários países da região. Níger, Chade, Burquina Fasso, Camarões... Marcas de terror visíveis como feridas ainda abertas nas pessoas em lágrimas, enlutadas, nas pessoas que sangram no corpo e na alma, mas também nas aldeias que se esvaziaram, nas paróquias que ficaram sem fiéis, nas escolas fechadas sem crianças. Este é o mundo do Pe. Jacques Ngalandja. Ele vive em Kousseri, nos Camarões. Para ele, o Boko Haram é terror puro. "O Boko Haram não tem qualquer objec-

tivo político como tal. Temos a impressão de que é um terror sem sentido e sem qualquer propósito."

### Acudir a todos

Pode ser apenas isso. Espalhar o medo, provocar a fuga das populações. Abel Maraba sabe de experiência própria o que pode significar a violência dos terroristas. "O Boko Haram atacou-nos. Eles vieram à nossa paróquia e fizeram muito mal às nossas famílias. Queimaram as nossas cabanas, levaram o nosso gado, ovelhas e bois. Ouvíamos tiros todas as noites. Isso paralisou-nos de medo..." Sempre o medo. Essa é já uma vitória dos terroristas. As pessoas não escondem o receio de novos ataques e estão permanentemente em alerta. Vivem num sufoco constante. Fogem, deixam casas e aldeias, abandonam os lugares onde sempre viveram. A miséria aumenta. Essa é outra vitória dos terroristas.

Diz o Pe. Ngalandja que é preciso acudir a todos. É uma urgência. É a missão da Igreja. "Estas pessoas refugiaram-se após terem fugido das suas aldeias atingidas pelo Boko Haram. Ajudar as pessoas significa acompanhá-las, para que não caiam na pobreza."

### Troféus para os terroristas

O Pe. Jacques Ngalandja é apenas um dos rostos da Igreja solidária que está na linha da frente ao lado dos que mais sofrem, das vítimas directas do Boko Haram e de todos os grupos que semeiam o extremismo religioso neste imenso continente. Estar na linha da frente significa arriscar também a vida. Os sacerdotes e as religiosas são verdadeiros troféus para os terroristas. Por isso são assassinados, são raptados, são ameaçados. Por isso, também, a sua presença revela-se tão valiosa para as populações. "A Igreja esteve connosco mesmo quando está-

vamos dispersos, não nos abandonou e continuou a estar connosco, aconselhando-nos, organizando orações, tudo para nos ajudar na nossa vida cristã, para nos ajudar a continuar a nossa vida cristã." Abel Maraba, que já assistiu a um ataque do Boko Haram à sua aldeia, sabe bem o que significa a presença da Igreja quando tudo o resto parecia desmoronar-se. Aos poucos, a Igreja foi-se transformando no porto de abrigo de todas as vítimas dos terroristas. A Fundação AIS lançou uma enorme campanha de ajuda para a Igreja de África que enfrenta o vírus contagioso do terrorismo. Não podemos fechar os olhos a esta tragédia. A Igreja em África pode contar consigo?

texto por Paulo Aido,  
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

[www.fundacao-ais.pt](http://www.fundacao-ais.pt) | 217 544 000



A Igreja apoia as vítimas do terrorismo.



Ajudar as pessoas significa acompanhá-las, para que não caiam na pobreza.



O Boko Haram atacou-nos. Eles vieram à nossa paróquia e fizeram muito mal às nossas famílias.



A Igreja está na linha da frente ao lado dos que mais sofrem.



## SUGESTÃO CULTURAL

### São José, acompanhai os meus passos!

‘São José, acompanhai os meus passos! - Pedido de proteção ao guardião das nossas famílias’, da autoria do padre Claudiano dos Santos, dos paulistas, é um livro devocional que propõe um itinerário de oração com São José. “Um livro para auxiliar os fiéis na compreensão sobre a trajetória, a devoção e a importância de São José na história da Salvação. Apresenta ao leitor nove reflexões baseadas nas Sagradas Escrituras e na tradição da Igreja sobre São José, além de orações e hinos a ele dedicados”, refere a sinopse da obra publicada pela Paulus Editora.

Informações:

www.paulus.pt/sao-jose-acompanhai-meus-passos



## À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO X COMUM ANO B

“Jesus respondeu-lhes: «Quem é minha Mãe e meus irmãos?».”

Mc 3, 33



pele P. Vítor Gonçalves

### A primeira pergunta

Temos uma relação difícil com as perguntas, não é verdade? Incomodam, desmontam o que parecia tão arrumadinho, desinstalam, levantam o pó, abalam os alicerces, procuram ir mais fundo e mais longe. Transformamos o milagre de ensinar na anestesia de adormecer as perguntas. Catalogamos como pecado as dúvidas e as perguntas sobre a fé. Não gostamos de ser questionados. Mas são elas que nos fazem avançar e crescer, e ser amigos da verdade e do gosto de saber. Deliciei-me com as perguntas de Jesus, tantas vezes como resposta, outras como provocação, sempre a levar-nos mais além do imediato, a não endurecer a mente ou o coração, a recusar as meias-verdades e os julgamentos fáceis, a sair do medo ou da autossuficiência.

Deus, depois de tudo criar pela sua palavra, pelas mãos que moldaram o primeiro homem e dele fizeram a primeira mulher, pelo sopro para dar vida, a primeira frase que sai dos seus lábios, dirigida aos dois, é uma per-

gunta: “Onde estás?” A primeira pergunta, grito e súplica, que não deixa de ecoar pelos tempos fora e chega a cada um de nós, tantas vezes, sem sabermos “onde” estamos, assustados pelo medo, a vergonha ou a culpa. Deus-à-procura-de-nós, porque não nos abandona nem nos deixa nas mortes que nos afastam d’Ele, mas, cheio do amor que nos fez livres, desejando que acabemos o nosso “jogo das escondidas” em que perde quem não se deixa encontrar. O encontro com a verdade dolorosa de termos escolhido o mal, dói. Mas possibilita o renascimento, a alegria do perdão, a escolha da vida. O que importa não é tanto saber “onde” estamos, mas “com quem” estamos, “com quem” queremos estar, e ir, e viver, e sonhar. Jesus é procurado pelos seus familiares, incomodados com os que diziam que ele estava louco, “fora de si”, e pelos estudiosos das Escrituras, que julgam os seus milagres e curas como frutos de um pacto com o demónio. É fácil proclamar “anátemas” que

assustam a multidão, sem reconhecer que são estúpidos. É o modo de agir dos fundamentalistas, menos preocupados com a força do argumento, e mais com o argumento da força. Como aquele orador que escrevia ao lado de uma frase do discurso: “Aqui, gritar, pois o argumento é fraco!” Jesus desmascara-os com uma pergunta: “Como pode Satanás expulsar Satanás?” Como pode o mal produzir bem? Aos seus familiares, Jesus pergunta: “Quem é minha Mãe e meus irmãos?”. E, apontando os que o escutam apresenta a família nova dos que procuram viver a vontade de Deus. Os laços familiares, demasiadas vezes “nós” que aprisionam e dominam, marcados pelo sangue e pela terra, pela rivalidade e ambição, precisam abrir-se aos laços da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. E claro que a sua Mãe vive desde sempre a vontade de Deus e na cruz receberam-nos a todos como filhos. Falta só a minha pergunta: “Que família escolhemos viver?”

SUGESTÃO DE CÂNTICOS PARA A LITURGIA

### DOMINGO XI DO TEMPO COMUM - B (13 DE JUNHO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	Vinde, exultemos de alegria	F. Santos	NCT 229
Entrada	Chegue até Vós, Senhor	F. Santos	CN 295 / CEC II 142
Entrada	Escutai, Senhor, a voz do meu clamor	C. Silva	CN 416 / OCoc 108
Ofertório	Deus abençoou a nossa terra	M. Luís	CAC 31
Ofertório / Comunhão	Uma só coisa peço ao Senhor	M. Luís	SR 466
Ofertório / Comunhão	Habitarei para sempre	C. Silva	CN 522 / OCoc 153
Comunhão / Pós comunhão	Pai santo, guarda no teu nome	M Simões	CEC II 56
Pós Comunhão / Final	Os que Vos amam, Senhor, proclamem	M. Luís	SR 464

### SOLENIIDADE DE SANTO ANTÓNIO - NA CIDADE DE LISBOA (13 DE JUNHO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	Os povos proclamarão	M. Luís	CN 781
Entrada	Os povos proclamam	A. Cartageno	<sup>1</sup>
Ofertório	O Senhor encheu-o de sabedoria	M. Luís	CAC 474
Ofertório / Comunhão	Vós sois o sal da terra	C. Silva	CN 1027
Comunhão	Brilhe a vossa luz	J. P. Martins	CN 261
Comunhão / Pós Comunhão	Saboreai e vede	M. Luís	CN 870
Final	Exaltemos Santo António	A. Cartageno	<sup>2</sup>

<sup>1</sup> <http://bit.ly/Os-povos-proclamam> | <sup>2</sup> <http://bit.ly/ExultemosSantoAntonio>



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCATO DE LISBOA

SIGLAS | CAC – MANUEL LUÍS, *Cânticos da Assembleia Cristã*, Secretariado Nacional de Liturgia | CEC – *Cânticos de Entrada e Comunhão*, vol. I-II, Secretariado Nacional de Liturgia | CN – *Cantoral Nacional para a Liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia – *Serviço Nacional de Música Sacra, Fátima 2019*. | NCT – *Novo Cantemos Todos*, Editorial Missões | OCoc – Carlos Silva, *Orar Cantando. Obras Completas*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2014. | SR – Manuel Luís, *Salmos Responsoriais*



## Tweets da Semana

“Se nos esquecermos do bem, o coração atrofia-se. Mas se, como Maria, nos lembrarmos das grandes coisas que o Senhor realiza, se pelo menos uma vez por dia dissermos uma pequena #oração de louvor, o coração alarga-se, a alegria aumenta. #Visitação”

31 de maio

“O mistério da #SantíssimaTrindade é imenso, supera as capacidades da nossa mente, mas fala ao nosso coração, porque o encontramos incluído naquela expressão de São João que resume toda a Revelação: ‘Deus é amor’.”

30 de maio

**Papa Francisco** @Pontifex\_pt

“A #família é, por excelência, o sinal da Uni-Trindade divina, como ela pode ser compartilhada, na pluralidade da vida de uma família, unida num só amor. Isto não é apenas um ideal a atingir, mas uma realidade prática.”

31 de maio

**D. Manuel Clemente** @patriarcalisboa



## Editorial

# A PERIFERIA É CÁ DENTRO

**P. Nuno Rosário Fernandes, diretor**  
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



O Papa Francisco, com a exortação apostólica ‘Evangelii Gaudium’, tornou muito presente a expressão ‘sair para fora’. Bem sabemos que o verbo sair e a própria atitude da saída são uma redundância, quando dizemos “para fora”, mas claramente o Santo Padre convida-nos a sair fora de portas das igrejas, das sacristias, dos nossos ambientes habituais, para ir ao encontro dos que estão mais distantes. Precisamos ir ao encontro das denominadas periferias, como inclusive nos foi proposto no programa pastoral na nossa diocese, no caminho que temos vindo a fazer de receção à Constituição Sinodal de Lisboa.

No entanto, nestes tempos que vivemos, com todo este contexto da pandemia que tanto nos tem afetado, e fez afastar tantos das igrejas e das celebrações, tenho-me questionado se a periferia não será, agora, cá dentro. Podemos pensar e continuar a insistir em querer chegar aos que estão mais longe, mas não podemos deixar de lado os que se fo-

ram afastando, ficaram distantes e ainda permanecem longe. Vamos percebendo que, para muitos, a Missa presencial pode ter-se tornado algo de menos importante. Em tempo de confinamento, a solução das transmissões online e televisivas foi a forma encontrada para cada comunidade chegar junto dos seus, e poder, até, chegar mais longe, e isso foi muito importante. Porém, do que vamos percebendo, o distanciamento foi, para muitos, total e esses são convidados a regressar a ‘casa’. Em muitos lugares, continuam-se a fazer transmissões online para per-

manecer junto dos que não podem mesmo sair de casa, e assim podem estar em contacto com as suas comunidades locais. Essa presença é importante e a pandemia veio proporcionar essa possibilidade pela forma como obrigou a uma certa agilidade para que isso acontecesse. Os números estatísticos de visualizações apontam, nesta altura, para um decréscimo, o que pode significar que já não são muitos a servir-se desses meios telemáticos para a sua prática cristã, e por isso fica a pergunta: onde estão os restantes? Será a periferia, agora, cá dentro?

**“Nestes tempos que vivemos, com todo este contexto da pandemia que tanto nos tem afetado, e fez afastar tantos das igrejas e das celebrações, tenho-me questionado se a periferia não será, agora, cá dentro.”**

## PODCAST

O podcast do Jornal  
**VOZ DA VERDADE,**  
que pode ouvir em  
<https://leigosquecontam.podbean.com>



## FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



**Voz da Verdade**

# ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



**218 810 556**

2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



**saranunes@patriarcado-lisboa.pt**

Envie um email com os seus dados



## Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_ NIF \_\_\_\_\_ N.º Assinante \_\_\_\_\_

Assinatura anual:  Individual (20 €)  Benfeitor (25 €)  Benemérito (30 €)